

**A Identidade Ibero-Americana em revista:  
Cuadernos Americanos e Cuadernos Hispanoamericanos. 1942-1955.**

Maria Antonia Dias Martins<sup>\*</sup>

Desde 1991 os países da Ibero-América tentam organizar um fórum de discussão política sobre temas de interesses comuns tendo como objetivo a formação de um bloco forte, de destaque mundial, que possa se impor no processo geopolítico chamado globalização.

Assistimos a construção de uma comunidade ibero-americana formada a partir de matérias-primas fornecidas pela história, geografia, língua e ambiente. O retorno a história como vinculadora da união ibero-americana faz parte de uma estratégia de sobrevivência face aos novos paradigmas mundiais ainda não totalmente elucidados e compreendidos.

Neste momento em que assistimos essa tentativa de construção de uma identidade ibero-americana dentro do panorama da globalização é importante nos reportarmos à história para percebermos como estas relações, aproximações, distanciamentos e identidades foram construídas dentro de um passado próximo.

Não é o caso aqui de estudarmos os discursos de identidade do período colonial ou do período de independência porque estão marcados por particularidades ideológicas e políticas de um mundo ainda formatado pela modernidade.

É importante resgatar as construções identitárias estabelecidas a partir de uma nova configuração política, ideológica e econômica anunciada no século XX; mais especificamente, durante a II Guerra Mundial.

O conflito envolvendo as principais lideranças mundiais da época lançou para os latino-americanos a oportunidade de repensarem seu papel e atuação no mundo. Buscamos entender como a circulação de idéias através de revistas lançadas neste período histórico contribuíram no fortalecimento ou enfraquecimento de discursos e narrativas, que agora no século XXI são retomadas dentro das novas perspectivas geopolíticas.

As revistas podem ser entendidas como elementos aglutinadores de propostas estéticas, culturais e políticas. Seus colaboradores devem estar minimamente engajados nas propostas destes periódicos para oferecerem e terem suas produções aceitas.

A multiplicidade de atores que participam de uma revista garante a ela a constituição de um espaço polifônico na geração, discussão e sustentação de posições e projetos

---

<sup>\*</sup> Doutoranda no programa de História Social do departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

intelectuais ou artísticos. Podemos pensar nas revistas como espaços de circulação, intersecção e confronto de discursos que marcam uma época.

Estas características das revistas a tornam singulares em relação a outros veículos impressos, como o livro. O livro constitui um projeto pronto, acabado. As revistas não. Elas retratam pontos em que idéias e concepções aparecerem e podem desaparecer em seguida. No entanto, mesmo que não vinguem ou que sejam esquecidas, há o registro destas idéias. A partir destes registros podemos reconstituir o caminho que um projeto percorreu antes de cristalizar-se em uma teoria ou proposta acabada, saindo das revistas e indo para livros ou até mesmo em projetos políticos de intervenção.

“As revistas geram um sentido imediato da literatura e da cultura de um momento dado; permitem captar com grande nitidez um estado de permeabilidade dos discursos, uma espécie de estado de latência prévia à sua consolidação em ideologias culturais, num conjunto articulado de idéias e valores. (...) É neste sentido que Beatriz Sarlo pensa as revistas como banco de provas ou laboratórios de idéias de operações intelectuais que logo se consolidam em um campo cultural ou fracassam ou caem em desuso.” (SCHWARTZ, 2004:647-650)

As revistas nos fornecem as pistas que nos permitem acompanhar a construção de conceitos, valores, pensamentos e idéias por determinado grupo de intelectuais ou pensadores. Esta construção leva em conta pontos de tensão nas relações entre cultura, ideologia e política.

As fontes utilizadas neste trabalho são as revistas *Cuadernos Americanos*<sup>1</sup> cujo primeiro número foi publicado em 1942 e *Cuadernos Hispanoamericanos*<sup>2</sup> - primeiro número em 1948, no período compreendido entre 1942 a 1955. Estas revistas, embora tivessem objetos semelhantes, partiram de origens e propostas diferentes. *Cuadernos Americanos* teve entre seus colaboradores, além de intelectuais latino-americanos que procuravam uma alternativa político-ideológica ao liberalismo e ao comunismo, também exilados do regime de Franco na Espanha. A revista *Cuadernos Hispanoamericanos* foi promovida por órgãos do governo espanhol com o objetivo de conquistar aliados na hispanoamerica e assim fugir do isolamento em que o regime de Franco vivia desde o fim da Segunda Grande Guerra.

Através desta pesquisa pretendemos compreender como a identidade ibero-americana foi construída a partir de dois veículos de comunicação distintos, no período que compreende os anos de 1942 – ano do início da publicação de C.A até 1955 – ano em que a Espanha foi incorporada à ONU. Percebemos que o início das publicações de C. A. coincide com o período da II Guerra Mundial em que não se podia prever os possíveis vencedores do conflito.

---

<sup>1</sup> Doravante denominado de C.A.

<sup>2</sup> Doravante denominado de C.H.

O ano da morte do ditador espanhol foi escolhido como balizador temporal por marcar o fim de um governo ditatorial que usou a revista C. H. como instrumento de sua política cultural na América Latina.

Dentro da perspectiva da História cultural este trabalho destaca a análise das idéias políticas que foram veiculadas nestas revistas. Por isso ele será norteado pela História intelectual, em que as idéias formuladas estão diretamente conectadas ao contexto político vigente no momento de sua formulação e divulgação. (CAPELATO, 2005:349)

*C.A* e *C.H* embora tratem do mesmo objeto, ou seja, a identidade ibero-americana são frutos de *locais de enunciação* diferenciados. De acordo com a origem das revistas objetos deste estudo podemos afirmar que *C.A* se enquadram como nascidas da expressão de determinadas formações intelectuais e artísticas, mais propriamente de intelectuais que se propunham a pensar o papel e identidade da Ibero - América.

*C.H* teve seu aparecimento ligado a um projeto governamental e por isso está diretamente vinculada a uma instituição estatal. Apesar destas características seus colaboradores eram destacados intelectuais espanhóis e latino-americanos.

A revista *C.A*<sup>3</sup> foi gestada por um grupo de intelectuais mexicanos e exilados espanhóis. A revista *España Peregrina* que circulava no México nesta época e que era realizada por pensadores catelhanos exilados naquele país deixou de existir para se integrar a *C.A*. No seu primeiro artigo no número de estréia da revista Herzog busca apresentar o propósito e objetivo que norteia o projeto dos *C.A*.

Neste artigo Herzog situa a América Latina no contexto em que se desenrola a Segunda Guerra Mundial. Ele critica as soluções apresentadas ao mundo pelo comunismo, nazismo e o liberalismo. Segue afirmando que nesse momento somente a América Latina possui condições de pensar criticamente os destinos da humanidade, já que a Europa está “ se assassinando” e os EUA estão comprometidos pelos interesses dos agentes financeiros que comandam sua política interna e externa.

Percebemos que Herzog busca a construção de um projeto alternativo num período extremamente turbulento. Ele não deixa de manifestar sua preocupação em relação ao futuro que terá a América Latina quando a guerra terminar, pois segundo este intelectual “quem quer que vença tentará dominar a América Latina.” (HERZOG, 1942:15)

---

<sup>3</sup> *Cuadenos Americanos* foi fundada por Jesus Silva Herzog em 1941, sendo que seu primeiro número entrou em circulação em 1942. É uma revista bimestral que ainda se mantém em circulação. Atualmente a edição da revista está sob a responsabilidade da Universidad Nacional Autónoma de México.

Ao continuar sua análise estabelece traços comuns às nações latino-americanas que permitiriam a construção deste modelo alternativo de práticas políticas e econômicas. Numa perspectiva de que a América Latina não deveria deixar-se ser levada pelos acontecimentos, mas de se impor ao mundo em crise. Este seria o grande momento da América Latina de contribuir com o mundo e ao mesmo tempo sair de uma situação de coadjuvante no processo histórico mundial.

“Tenhamos consciência de nossas analogias históricas, das semelhanças em vários de nossos problemas, tenhamos consciência da nossa personalidade como nações que têm características privativas, porque unidos os de ibero - América em um propósito comum, com a eficaz cooperação intelectual dos espanhóis ilustres que tem encontrado asilo em nossas pátrias depois do desastre da República, nos será possível atualizar o sonho de Bolívar e influenciar pela primeira vez de forma decisiva o drama da história universal.” (HERZOG, 1942:15)

Notamos nesta transcrição que o passado ligado a figura de Bolívar é resgatado para lembrar o sonho bolivariano de uma total independência da América hispânica e sua projeção no mundo. A idéia de que a América latina poderia fornecer um novo modelo mundial persistiu para além do final da II Guerra Mundial. Vários artigos foram elaborados destacando esta “missão” dos povos latino-americanos. Os intelectuais que colaboraram nesta revista tiveram por várias vezes esta preocupação.

No artigo *A Esperança Europeia* do número de setembro-outubro de 1948 a revista afirma que a “América antes de ser esperança de si mesma já era da Europa. Mas se havia uma esperança comum, também teria que haver uma missão e um destino comuns.”

A “missão” da América, seu papel e sua identidade foram temas de debates e obras durante todo o século XIX. Segundo Eduardo Devés Valdés no século XX a identidade seguiu sendo um tema dominante para os intelectuais latino-americanos ao lado de um outro conceito que é o da modernização (VALDÉS,S/D).

Em C.A estes temas aparecem no contexto das preocupações políticas que perpassam o cenário mundial. No entanto, existe um diálogo entre identidade americana e ibero-americana, até mesmo em virtude da revista contar entre seus fundadores com intelectuais espanhóis.

Os discursos presentes na revista são construídos por aqueles que têm uma crítica ao modelo político vigente na Europa da época, em especial da Espanha. A tentativa é fazer uma proposta que apresente uma alternativa ao que existe.

O direcionamento dos discursos é o da crítica e da esperança num novo mundo construído a partir da América: “Desde os últimos anos do século passado até nosso presente,

uma idéia se tornou familiar a todo americano: A de que a América emergia na história, com missão e esperança próprias, para pôr fim a caducidade do Velho Mundo.” (MASSUH, 1948:30)

Na América estava a esperança. A Europa deveria ser superada para o nascimento de um novo mundo. Convém observar o jogo entre velho e novo que o autor utiliza para dar maior ênfase ao seu argumento. Para designar a América ele a define como emergente, dando a idéia de algo que nasce limpo e forte. Para a Europa a definição é de caducidade, envelhecido, decrépito. O velho precisa morrer para deixar o novo brotar.

O texto foi escrito em 1948, após final da II Guerra Mundial em que a Europa fora devastada. Países como Portugal e Espanha estavam em descompasso com o mundo surgido após 1945. Portugal porque mantinha um império na África condenado pela história e pela política. Espanha porque mantinha um regime político ligado ao nazismo cuja perversidade não parava de assustar o mundo.

O governo espanhol para responder às críticas de C.A. e ao mesmo tempo vencer o ostracismo que havia sido lançado desde o final da II Guerra cria a revista C.H. Na sua criação está o desejo de aproximação não o de ruptura.

Segundo Jesús Silva de todos os vínculos – históricos, culturais, econômicos, que unem a Espanha com as Republicas ibero-americanas, o mais forte é a língua espanhola. Para ele no âmbito da cultura pode-se falar na existência de uma cultura em espanhol (SILVA, S/D:05).

O Ministério de Assuntos Exteriores da Espanha consciente deste traço cultural marcante, criou Edições Cultura Hispánica, através do antigo Instituto de Cultura Hispánica<sup>4</sup>, para impulsionar o intercâmbio intelectual entre a América e a Espanha. Como parte das atividades deste instituto foram criadas as revistas *Cuadernos Hispanoamericanos* e *Mundo Hispánico*.

C.H.<sup>5</sup>, objeto deste estudo, começou a circular em 1948. Seu objetivo inicial era oferecer uma resposta a C.A e, ao mesmo tempo atuar como meio de sociabilidade e de propaganda do governo espanhol nas relações com a América latina (CAPELATO, 2005: 344-370), além de servir para ocultar as fissuras e divergências da sociedade espanhola exaltando a *Hispanidad*.

A revista tenta exaltar aquilo que é comum entre os países que compõem a ibero - América para justificar uma união de políticas e de atuação entre estes dois lados do atlântico.

---

<sup>4</sup> Transformado em Instituto de Cooperación Iberoamericana no início da década de 1980.

<sup>5</sup> O governo espanhol criou em 1945 o “Instituto de Cultura Hispánica” (ICH) que deveria promover um intercâmbio da Espanha com outros países com a finalidade de fugir do isolamento que vivia o governo de Franco. Este instituto editou vários livros e revistas dentre eles *Cuadernos Hispánicos*.

O objetivo é mostrar que os dois lados se complementam. Não há necessidade de ruptura e sim de cooperação.

“Um perigo ameaça hoje aos europeus, fora a consumação na miséria ou na nostalgia: pensar que América, a grande e jovem América, só é capaz de oferecer a história sua técnica, suas matérias-primas e certo brio adolescente. Um perigo ameaça hoje aos americanos, fora o fracasso de suas riquezas ou nos negócios: crer que Europa, a estreita e velha Europa, não é mais que uma Bizâncio exausta, um continente que vive dilatando miseravelmente em suas próprias tradições. (...) Nada mais urgente que abandonar ambas atitudes. Em primeiro lugar porque uma e outra são manifestações de um ressentimento oculto: o do europeu, frente a força e alegria da América; o do americano, frente a complexidade e sutileza da Europa. Em segundo lugar, porque essa visão da história posterior ao ano de 1492 é grosseiramente errônea. Desde o ponto de vista disso que chamamos “cultura”, América tem sido uma ampliação da Europa.” (ENTRALGO, 1948: 10)

Para a revista, em seu segundo número, o distanciamento entre a Europa e a América traz desconhecimento e prejuízos para as duas partes. O desconhecimento da América sobre a Europa faz com que a olhem como se estivesse acabada, vivendo a decadência da sua história. Já a ignorância da Europa sobre a América traz a falsa idéia de que na América não há nada duradouro, não há sabedoria ou o que aprender.

A revista, com esta abordagem, propõe a superação de velhos paradigmas como forma de avanço e progresso. A Europa precisa da América, mas também a América não pode ignorar a Europa.

A situação da Espanha governada por Franco era de isolamento imposto pelos países vitoriosos no conflito. A Espanha, por ter sido vinculada aos regimes derrotados como o nazismo de Hitler e o fascismo de Mussolini, precisava encontrar novos aliados.

Para fugir deste isolamento a saída foi tentar encontrar nos velhos parceiros da América uma aliança que pudesse dar sustentação internacional ao regime franquista. O caminho escolhido pelo governo franquista para uma aproximação com a América-hispânica foi o cultural.

A revista espanhola buscava uma aproximação com os países hispano-americanos através de um conjunto de aspectos culturais comuns que permitissem uma identificação. Para isso elementos como a língua, a raça e a fé católica foram enaltecidos. No entanto, não podemos deixar de observar que a revista tem um caráter político que é melhor percebido através da análise do contexto histórico de sua inauguração.

“Na perspectiva em que a revista foi concebida o aspecto cultural/intelectual se cruza com aspectos ideológicos e políticos que só se deixam ler a partir da relação texto-contexto. O projeto de hispanidad que dá sentido à revista não se apresenta de forma programática, mas é resultado de perspectivas de grupos que se orientavam por uma identidade específica.” (ENTRALGO, 1948:193)

Percebemos que a publicação e circulação de C. H. era uma das diversas estratégias do governo espanhol em participar da vida cultural americana. Outras formas, como a edição de livros na língua espanhola por um preço mais baixo que aqueles produzidos pelos países americanos, também eram utilizados.

Os objetivos espanhóis perseguidos por esta interferência na vida cultural e intelectual latino-americana podem ser analisados a partir do artigo “*Velha Europa Jovem América*” do número março-abril de 1948 dos C. H. Neste artigo Pedro Lain Entralgo<sup>6</sup> apresenta como dois os propósitos da revista:

1 – Criar uma consciência histórica unitária entre os países hispano-americanos. Como partes essenciais desta consciência estariam a língua, a fé, o templo ético e afirmação de personalidade.

2 – Mover os homens hispânicos a expressar esta consciência em idéias, palavras, obras visíveis e forma de vida válida para todos os homens.

Por esses objetivos percebemos que para além da construção de uma identidade comum há também a indicação de um encaminhamento para ação. Esta “consciência” hispânica deveria ficar visível para todos os homens, ou seja, ao mundo. A visibilidade pretendida seria uma maneira da Espanha sair do ostracismo e ainda marcar seu lugar dentro do panorama mundial.

Um dos primeiros objetivos de C.H. é deter o avanço da influência cultural norte-americana no continente. Neste ponto o aspecto político do projeto C.H. fica mais evidente. A extensão da influência norte-americana sobre a ibero - América poderia encerrar de vez os planos de Franco de construir com os países americanos uma rede de identidade e influencia espanhola, afetando seu prestígio e ascendência sobre os países americanos.

Por isto C.H também critica em seus números a ação Pan-americana. Para C.H. o Pan-americanismo seria uma forma disfarçada de domínio e interferência dos EUA nos negócios de interesse dos ibero-americanos.

A revista espanhola tenta configurar um padrão de identificação com o conceito de hispanidad.

“Chamamos Hispanoamérica ou Iberoamérica ao ingente marco geográfico e político em que vive a Hispanidad tanto ao conjunto dos que dentro de um marco querem ser fiéis ao velho modo de ser, como ao modo de ser mesmo; devemos crer, enfim, que a Hispanidade é capaz de eficácia universal e susceptível de permanente e diversa atualização histórica. Nem tudo na Espanha e na hispanoamérica é

---

<sup>6</sup> Pedro Laín Entralgo foi o fundador de *Cuadernos Hispanoamericanos*. Era um homem de sólida formação intelectual. (Capelato, 2005, pg. 351)

Hispanidad, nem talvez chegue a ser nunca; mas pode ser acabadamente hispânica uma fração de homens, muito mais importante que a atual, se os fiéis à obrigação cristã da verdade e do bem se esforçarem para ser os melhores e operar em concórdia.” (CARBALLO APUD CAPELATO, 2005:344-370)

Por esta definição percebemos que o conceito de *Hispanidad* não é limitado pelas fronteiras geográficas de nenhum país. É antes de tudo um modo de ser e de viver, muito particular que outros, como os anglo-saxões, não compartilham.

Um outro aspecto importante sobre a difusão de *hispanidad* como algo além das fronteiras é que este conceito forneceu o cimento que o regime franquista precisava para se mostrar ao mundo sem rupturas, como detentor de uma comunidade coesa e unida em torno de um mesmo conjunto de ideais e valores. C.H. mostra a preocupação em definir a *hispanidad* como um elemento de aproximação entre América Latina e Espanha.

*C.H* e *C.A* são revistas que sobreviveram às diversas fases que marcaram suas histórias e estão em circulação até hoje, gozando de prestígio nos meios acadêmicos e intelectuais da Ibero - América.

Acredito que as revistas contribuíram com a construção e divulgação das idéias elaboradas pelos intelectuais ibero-americanos, de 1942 a 1975, sobre nossa identidade e o papel que podemos desempenhar no mundo.

## BIBLIOGRAFIA

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2007.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Cuadernos Hispanoamericanos – Idéias políticas numa revista de cultura. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, p. 344-370, 2005.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Revistas Cuadernos Americanos e Cuadernos Hispanoamericanos como armas de luta política**. São Paulo.

ENTRALGO, Pedro Luís. **Cuadernos Hispanoamericanos** nº 2, março/abril 1948.

HERZOG, Jesús Silva. **Cuadernos Americanos**, México, nº 1, janeiro/fevereiro 1942.

MASSUH, Victor. La esperanza Europea. **Cuadernos Americanos**, México, nº 5, setembro/outubro 1948.

SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação**. São Paulo, EDUSP, 2005.

SCHWARTZ, Jorge; PATIÑO, Roxana. Introducción. **Revista Iberoamericana**, Pittsburgh, v.1. n. 208-209, p. 647-650, jul/dez 2004.

SILVA, Jesús. **La huella editorial del instituto de cultura hispánica – Ediciones cultura hispánica y otras publicaciones: estudios y catálogo (1944-1980)**. Ministério de Asuntos Exteriores. Madrid, Fundacion Mapfre Tavera.

VALDÉS, Eduardo Devés. **Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950)**. Centro de investigaciones Diego Barros Arana.

ZEa, Leopoldo. **El pensamiento latinoamericano**. Barcelona. Editorial Ariel.